

dos símbolos. À moralidade de setecentos escaparam os símbolos que ladeavam a suposta figura ictifálica e que, conjugados com esta, só poderiam ter um evidente caráter apotropaico. Assim, do lado sul vemos uma cruz hasteada, com ave pousada no cimo, representação que parece manter um sentido funerário. Do lado oposto, um nó de Salomão, com um podão no alto. Seguramente que este tímpano seria um dos mais interessantes do românico português.

O tímpano apoia-se sobre mísulas ornamentadas. No lado norte vemos um motivo floral e no lado sul, dois rolos.

No adro, no patamar fronteiro ao portal, reaproveitou-se uma pedra onde vemos incisas linhas curvilíneas ao modo de espiral.

No interior da capela sentimos o mesmo tom de harmonia entre elementos estruturais e os decorativos. A abside é dominada pelo retábulo em talha dourada que acolhe a já referida imagem de Santo Abdão. Mas é na parede fundeira da nave que se encontram os mais significativos elementos românicos. Sobre o arco triunfal, a fresta que ilumina a nave a partir de este, alargando para o interior da igreja, mostra uma composição semelhante à do seu exterior. Sob esta, destaca-se o arco triunfal, cujo vão, muito fechado, encerra a capela-mor perante a nave, à boa maneira românica. Quebrada, a sua arquivolta é lisa, apoia-se sobre impostas com modinatura que se prolonga ao modo de friso pela parede da nave. As colunas de tambores têm capitéis já mais altos, denunciando a cronologia tardia da sua feitura. Mostram, no lado da Epístola, motivos vegetalistas e, no lado do Evangelho, enrolamentos enquadrando um rosto humano, ao modo de mascarão. Envolve o conjunto um arco com modinatura semelhante à da imposta, mas marcada por toro diédrico no ângulo interno.

Os paramentos mostram o granito aparente, permitindo ver algumas siglas. A cicatriz do portal norte também se afirma no interior da capela, criando um nicho que poderá ter acolhido, num dado momento, um retábulo lateral.

A implantação muito próxima da paroquial de Correlhã, a função funerária que poderá estar na origem da sua construção, mas também a rara representação do tímpano do portal oeste e que ditou o seu apagamento após a visitação de 1750, fazem da capela de Santo Abdão um caso de estudo singular no contexto do românico português. Além disso, apesar de tardia, assumiu-se como uma tipologia mais cara do gótico que ao românico, a de capela.

Aguiar Barreiros cedo a destacou no contexto do românico de Ribeira Lima “pela harmonia e equilíbrio das suas linhas construtivas e comedida distribuição escultórica, pois é sabido que nem sempre o acumulado dos ornatos decidem do valor artístico de uma obra”.

Edificada provavelmente no século XIV, a capela de Santo Abdão da Correlhã apresenta características de um românico tardio, cujos singulares elementos decorativos são de grande interesse. Foi classificada como Imóvel de Interesse Público por decreto de 1957.

Texto: MLB/JL - Fotos: MF/MS/MLB/SVS
Plano: GM/MF/MS (sobre SIPA-DGPC)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, pp. 263-264; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 60 e 62; ALMEIDA, C.A.F., 1987a, p. 110; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 93; ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 101; ALVES, L., 1982, p. 80; BARREIROS, M.A., 1926, pp. 27-30; COSTA, A., 1929-49, V, pp. 728-730; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 364; GEPB, 1935-60, VII, pp. 778-779; GUERRA, L.F., 1924; MEM. PAROQ. 1758 (2005), p. 338; PMH, INQ., p. 241 (de 1220); SIPA; VIAS ROMANAS.

Igreja de São Tomé

A PRIMEIRA REFERÊNCIA conhecida à freguesia e igreja de São Tomé da Correlhã data de 915 e diz respeito à doação que Ordonho II fez ao bispado de *Iria Flavia*, do referido território *in ripa Limie villam quam vocitant Cornelianam [...] et in ea ecclesiam Sancti Thome apostoli*. Entre 1061 e 1065, Fernando Magno outorga vários diplomas autorizando o bispo e clero de Compostela a povoar a vila de *Cornelianam ripa Limie*. Em 1097, os condes D. Henrique e D. Teresa confirmam a Santiago de Compostela a doação de Correlhã, em cuja igreja está a data *In Era MCLXX* (ano 1132).

De 1140 data uma inscrição gravada no lintel do tímpano do portal norte, onde se pode ler

IN ERA · I · C 2 XX VIII SVA[riu]s (?)

Segundo Mário Barroca poderá tratar-se da inscrição comemorativa da sagração da igreja de São Tomé da Correlhã. Carlos Alberto Ferreira de Almeida é antes da opinião de que esta inscrição não se refere à igreja atual, de feição mais tardia, mas antes a uma anterior. Correlhã é uma das mais antigas paróquias do concelho de Ponte



Perspetiva geral da igreja. Alçado oeste



Alçado sul

de Lima e, outrora, uma das mais ricas da região, o que explica também a capacidade da mesma para edificar uma nova igreja, substituindo uma pré-existente. Assim sendo, podemos compreender a persistência desta epígrafe não só por uma questão de reaproveitamento do silhar, como era corrente acontecer, mas acima de tudo por uma questão de legitimação e de prestígio. Associada ao primeiro templo estaria uma necrópole de sepulturas escavadas na rocha, de que sobreviveram três exemplares. No adro da igreja, entre esta e a fronteira capela de Santo Abdão, vemos ainda afloramentos rochosos com marcas de tumulação.

Nas Inquirições de 1220 a igreja de São Tomé da Correlhã pertencia à Terra de Ponte. Segundo o abade Pedro Gomes, o rei não tinha qualquer reguengo na freguesia, não recebia qualquer foro, nem era patrono da igreja. A igreja tinha na freguesia diversas searas e um casal. O arcebispado de Santiago da Galiza tinha 60 casais e a igreja era sua bem como uma ermida, podendo tratar-se da Capela de Santo Abdão e que, cumprindo funções cemiteriais, foi edificada no perímetro do cemitério, a norte da igreja de São Tomé. Nas inquirições seguintes, de 1258, São Tomé da Correlhã é já do julgado da Correlhã. O rei não era patrono da igreja e os homens do julgado iam em anúduva ao rei. Os homens elegiam o juiz, depois deferido por Santiago de Compostela e, por fim, confirmado pelo rei. É já referido o couto, que era da igreja de Santiago. O

mordomo do rei entra para receber os direitos reais. Os inquiridos queixam-se que o cabido de Santiago da Galiza exercia alguma violência sobre os homens do julgado e que já se haviam queixado ao rei. As inquirições de 1290 reportam-se ao couto de *Cornelhaa*.

Em 1229, os moradores da Correlhã tentaram substituir a hegemonia de Compostela pela de Braga, mas em vão. Argumentavam a falta de apoio do cabido Santiaguista num período em que já se erguia a igreja de São Tomé, para cuja edificação necessitavam de auxílio.

O Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis em 1320, taxou a igreja de São Tomé da Correlhã, na Terra de Penela em 300 libras, representando o valor mais elevado taxado entre as igrejas da Terra de Penela, a par com as igrejas de São Pedro de Guio (*Guiaaes*) e de São Pedro de Calvelo, taxadas no mesmo valor.

Em meados do século XVI, João de Barros refere-se à igreja "da Corvelham que foi mosteiro e hora tem raçoeiros, que a servem". Os raçoeiros, ou beneficiados, eram apresentados pela Casa de Bragança. O *Livro das Comendas da Ordem de Cristo*, redigido em 1563, regista que São Tomé da Correlhã era uma das comendas novas dos 20 mil cruzados, criadas por D. Manuel no início do século XVI. À data da sua avaliação, em 1558, a comenda rendia 44 000 reais e o seu comendador era Fr. D. Pedro da Guerra.

As Memórias Paroquiais ordenadas em 1758 não têm qualquer referência a esta paróquia da Correlhã, logo nada podemos aferir sobre a igreja de São Tomé à época. Apenas se registam num volume separado algumas anotações breves sobre esta freguesia, de data incerta, mas, provavelmente, ainda do século XVIII. Dá-se nota que a freguesia de Correlhã é couto da Casa de Bragança.

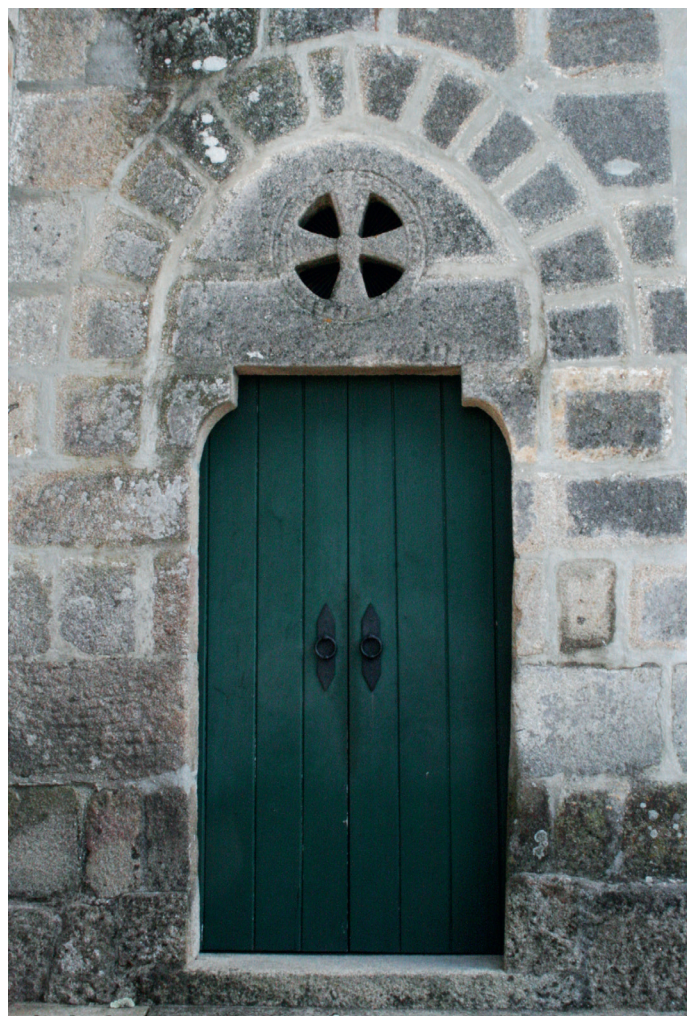
Só a importância histórica da freguesia da Correlhã pode explicar porque a sua paroquial, consagrada a São Tomé, foi tão transformada ao longo dos tempos e muito particularmente durante a época moderna, que a ampliou grandemente. Assim, a nave foi ampliada para este, tendo-se acrescentado uma profunda cabeceira retangular. Identifica-se alguma preocupação ao nível da homogeneidade do conjunto, quer porque se edificou esta parte da igreja recorrendo ao aparelho pseudo-isódomo em granito, idêntico ao do primeiro terço da nave, quer porque se manteve a presença de cachorros a sustentar a cornija. Optou-se por utilizar cachorros lisos mas em termos formais é de

relevar a continuidade criada ao nível da leitura do conjunto. Nos paramentos primitivos da nave as juntas foram avivadas com cal e rasgaram-se amplos janelões retangulares com suas vidraças e grades.

Não obstante as profundas transformações, a imagem geral do conjunto conserva uma certa ideia de medievallidade, particularmente no exterior da igreja. A permanência do granito aparente, a conservação dos antigos portais da igreja, a forte presença da torre sineira de base quadrangular que se adossa à fachada oeste, em parte ocultando-a a sul, com coroamento ameado característico de quinhentos e, por fim, a relação de proximidade estabelecida entre esta igreja e a muito próxima capela de Santo Abdão da Correlhã, contribuem para enfatizar esta impressão anímica.

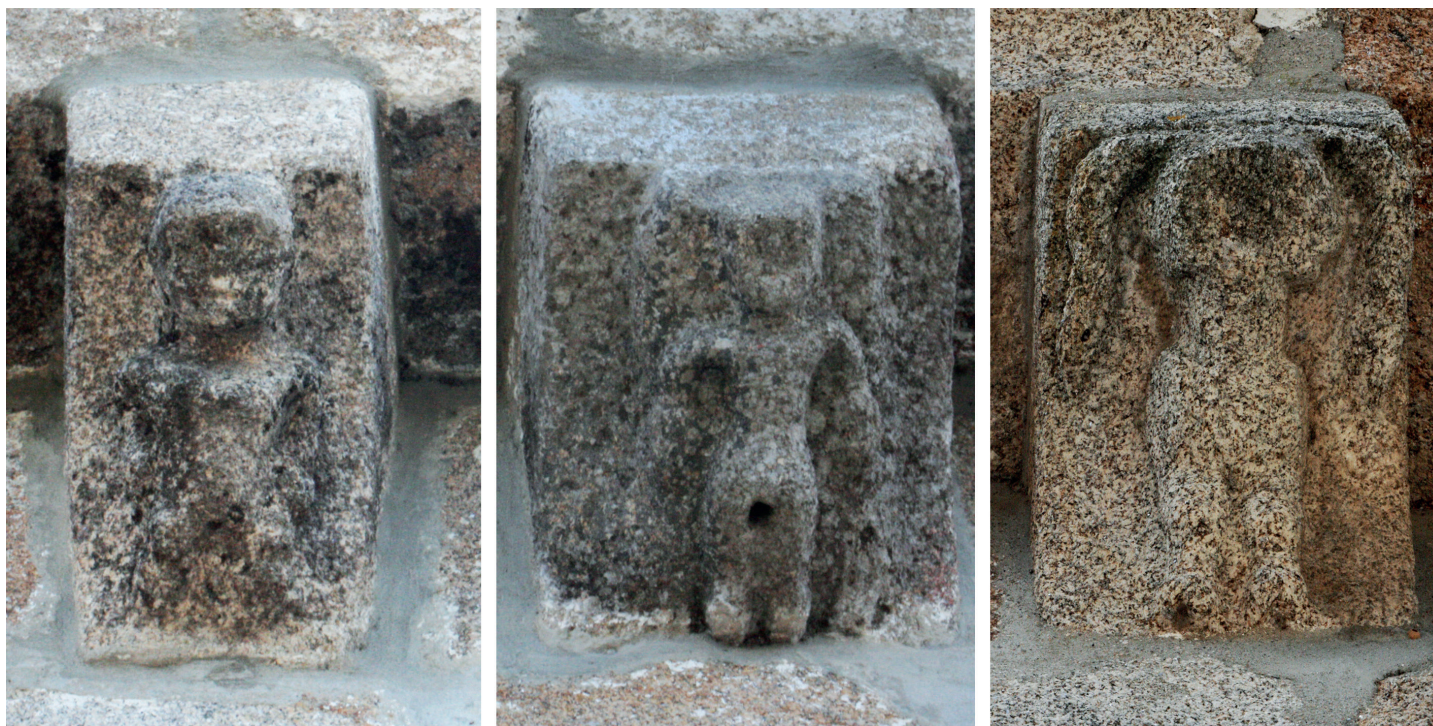
Assim, da época românica, em São Tomé da Correlhã, persistem alguns cachorros. Apesar do aparente desgaste, conserva-se nalguns a ornamentação da época românica. Tendencialmente os motivos são geométricos como as

Portal norte



Portal ocidental





Cachorros

esferas e os rolos, mas alguns deles mostram figuras humanas relevadas. O portal sul foi entaipado, dele persistindo a cicatriz no paramento que nos permite perceber a sua feição tardia, inscrita no alçado, e para onde foi ampliada a igreja. No lado norte, o portal conserva a sua feição primitiva, confirmando aquilo que se pode supor do arranjo do portal sul. Totalmente inscrito na espessura do alçado, um arco envolvente abriga um tímpano com cruz patada perfurada, de configuração caracteristicamente românica, inscrita em círculo ornado com pequenas esferas. É no silhar inferior do tímpano que se encontra aproveitada a epígrafe que regista o ano de 1140. O caráter tardio do portal é ainda confirmado pelo facto do tímpano se apoiar em mísulas e por não ter colunas.

Mais elaborado seria o portal oeste. Dele conserva-se uma parte, o arco envolvente, liso e apoiado sobre os pés-direitos do muro, e duas arquivoltas com suas colunas. De perfil ligeiramente quebrado, são lisas. As impostas do lado norte também o são enquanto que as do lado sul mostram motivos de sabor românico como as elipses encadeadas. Conservam-se os capitéis do lado norte, com seus motivos fitomórficos e vegetalistas, pouco relevados e presos a um cesto ainda muito cúbico, marcado pela presença de colarinho. Os capitéis do lado sul foram picados. As colunas são lisas e os seus fustes cilíndricos assentam sobre bases com altos plintos. É provável que tivesse tímpano. A época moderna substituiu-o por um arranjo que enquadra a porta

com tímpano onde a linguagem classicizante está presente no desenho do seu frontão, circular, encimado com arranjo de aletas onde se gravou "Anno de 1855" para memorar a intervenção.

Conserva-se uma mísula, a meia altura da fachada oeste, no lado norte. Uma estrutura alpendrada protegia o portal. A fresta que o encima foi alargada durante a época moderna e foi dotada de vidros policromos desenhando motivos geométricos. Sobre a empena da fachada oeste conserva-se uma elaborada cruz terminal românica, equilátera e inscrita em círculo.

No interior da igreja, da época românica apenas persiste o perfil dos portais, cujo granito contrasta com o branco dos muros, os lambrins de azulejos tipo tapete e com a talha dourada dos retábulos, da policromia do teto, que fazem da igreja de São Tomé uma matriz com um culto ainda muito ativo.

A igreja românica de São Tomé de Correlhã terá sido edificada em cronologia bastante avançada, atendendo aos vestígios materiais da época românica, não obstante a existência de uma epígrafe, seguramente de um edifício anterior, que regista a data de 1140. Concordamos com Ferreira de Almeida quando este nos diz que "os seus cachorros simples, as bases das colunas com altos plintos, o tipo de impostas e a simplicidade decorativa dos capitéis falam-nos de um estilo românico de inércia, deixado já aos impulsos locais".

Trata-se hoje da maior igreja de todas as paroquiais de Ribeira Lima, ampliada na época moderna, o que poderá explicar-se por ter sido a freguesia mais densamente povoada até meados do século XIX.

Não sendo classificada, encontra-se na zona de proteção da capela de Santo Abdão da Correlhã.

Texto: MLB/JL - Fotos: MLB

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, p. 213; ALMEIDA, C.A.F., 1987a, p. 110; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 60; BARREIROS, M.A., 1926, pp. 21-25; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 78 (de 1140); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 92 (de 1140); BARROS, J., 2019, pp. 136, 211 e 322; BOISSELLIER, S., 2012, p. 141; COSTA, A.J., 1997-2000, II, pp. 153-154; GEPB, 1935-60, VII, pp. 778-779; LENCART, J., 2018, p. 458; MEM. PAROQ. 1758 (2005), p. 338; PMH, INQ., pp. 47, 130, 192, 241 (de 1220) e p. 342 (de 1258); REIS, A.M., 2000, pp. 76 e 120-123.